

A CENTELHA SE ACENDE NA AÇÃO: A AUTOEDUCAÇÃO DOS TRABALHADORES NO PENSAMENTO DE ROSA LUXEMBURGO

*Michael Löwy**

RESUMO

Encontramos em Rosa Luxemburgo uma ampla reflexão, filosófica e política, sobre uma forma específica de educação, que a seu ver é a mais importante, do ponto de vista da emancipação das classes subalternas: a autoeducação pela práxis, a autoeducação dos explorados e oprimidos pela experiência da ação coletiva. Sua oposição irreconciliável ao capitalismo e ao imperialismo, sua concepção de um socialismo ao mesmo tempo revolucionário e democrático, baseado na práxis autoemancipadora dos trabalhadores, na autoeducação pela experiência de luta social das grandes massas populares é de uma impressionante atualidade, sobretudo aqui, no Brasil e na América Latina.

Palavras-chave: Autoeducação. Emancipação das classes subalternas. Rosa Luxemburgo.

RESUMÉ

Nous trouvons chez Rosa Luxemburg une ample réflexion, philosophique et politique, sur une forme spécifique d'éducation, qui est, à son avis, la plus importante du point de vue de l'émancipation des classes subalternes: l'auto-éducation des exploités et opprimés par l'expérience de l'action collective. Son opposition irréconciliable au capitalisme et à l'impérialisme, sa conception d'un socialisme en même temps révolutionnaire et démocratique, fondé sur la praxis auto-émancipatrice des travailleurs, dans l'auto-éducation par l'expérience de lutte sociale des grandes masses populaires et d'une impressionnante actualité, surtout ici, au Brésil et en Amérique latine.

Mots-clés: Auto-éducation. Émancipation des classes subalternes. Rosa Luxemburg.

* Michael Löwy, Directeur de pesquisas emérito do CNRS (Centre National de Recherche Scientifique), Paris. *E-mail:* michael.lowy@orange.fr.

Algumas palavras pessoais, a título de introdução. Descobri Rosa Luxemburgo aos dezessete anos, por volta de 1955, graças ao amigo Paul Singer. Paul me explicou longamente a teoria do imperialismo, mas o que me atraiu mesmo foram os textos políticos que ele me passou, a crítica do centralismo, a visão revolucionária e democrática. Aderimos juntos a uma pequena organização “luxemburguista”, a Liga Socialista Independente, em companhia de Maurício Tragtenberg, Herminio Sachetta e, alguns anos depois, os irmãos Sader. Tínhamos um local no centro de São Paulo, que media dois metros por cinco, cuja única ornamentação era um quadro com um desenho representando Rosa Luxemburgo. Nessa época recebi de minha mãe um exemplar das cartas de prisão – Rosa Luxemburg, *Briefe*, Berlin, Verlag der Jugendinternationale, 1927 – que ela havia trazido de Viena quando emigrou ao Brasil, o que me permitiu apreciar melhor a dimensão humana e generosa da revolucionária intransigente. Anos mais tarde, escrevi, sob a direção de Lucien Goldmann, uma tese sobre o jovem Marx, apresentada na Sorbonne em 1964, toda inspirada pelo marxismo de Rosa Luxemburgo (recentemente publicada no Brasil, pela editora Vozes). Foi uma paixão que dura até hoje.

Rosa Luxemburgo exerceu durante vários anos uma função de educadora: ensinava a economia política na Escola do Partido Social-Democrata alemão. De 1907 a 1913 ela deu este curso para vários grupos de alunos – quadros e militantes socialistas – tendo grande sucesso. August Bebel, o principal dirigente do Partido, dizia que ela era a melhor professora da Escola. Ela chegou a escrever alguns artigos sobre a pedagogia do ensino nesta escola, insistindo no princípio de participação ativa de todos os alunos como condição para uma educação viva. Na sua opinião, no artigo *Escola do sindicato e Escola do partido* (21 de junho de 1911), “uma escola de formação para proletários engajados na luta de classes deve considerar como sua tarefa principal à formação a um pensamento sistemático e independente, e não ingurgitar mecanicamente uma soma de saberes positivos” (LUXEMBURGO, 2012, p. 29).

Mais além destas breves anotações pedagógicas, encontramos em Rosa Luxemburgo uma ampla reflexão, filosófica e política, sobre uma outra forma de educação, que a seu ver é a mais importante, do ponto de vista da emancipação das classes subalternas: *a auto-educação pela práxis, a auto-educação dos explorados e oprimidos pela experiência da ação coletiva*.

Rosa Luxemburgo não escrevia textos filosóficos, nem elaborava teorias sistemáticas; como o observa com razão Isabel Loureiro, “suas ideias, esparsas em artigos de jornal, brochures, discursos, cartas [...] são muito mais respostas imediatas à conjuntura que uma teoria lógica e internamente coerente” (LOUREIRO, 1995, p. 23). Ainda assim, a ideia da autoeducação do proletariado pela práxis é o fio condutor – no sentido elétrico da palavra – de sua obra e de sua ação como revolucionária. Mas seu pensamento está longe de ser estático: é uma reflexão em movimento, que se enriquece com a experiência histórica. Tentaremos reconstituir a evolução de seu pensamento através de alguns exemplos.

A pedagogia dialética da luta é um dos principais eixos da polêmica de Rosa Luxemburgo com Lênin em 1904:

é somente no curso da luta que o exército do proletariado se recruta e que ele toma consciência dos fins desta luta. A organização, a conscientização (*Aufklärung*) e o combate não são fases distintas, mecanicamente separadas no tempo [...] mas apenas aspectos diversos de um único e mesmo processo (LUXEMBURGO, 1963, p. 27-28).

É claro que a classe pode se equivocar no curso deste combate, mas em última análise, “os erros cometidos por um movimento realmente revolucionário são historicamente infinitamente mais fecundos e valiosos que a infalibilidade do melhor ‘Comité Central’” (LUXEMBURGO, 1963, p. 42).

A autoemancipação dos oprimidos implica a autotransformação da classe revolucionária por sua experiência prática; esta por sua vez produz não só a consciência – tema clássico do marxismo – mas também a *vontade*:

O movimento histórico-universal (*Weltgeschichtlich*) do proletariado até sua vitória é um processo cuja particularidade reside no fato de que aqui, pela primeira vez na história, as próprias massas populares impõem sua vontade contra as classes dominantes [...]. Entretanto, as massas não podem conquistar esta vontade senão na luta cotidiana com a ordem estabelecida, isto é, no quadro desta ordem (LUXEMBURGO, 1963, p. 44).

Poderíamos comparar a visão de Lênin com a de Rosa Luxemburgo com a seguinte imagem: para Vladimir Illitsch, redator do Jornal *Iskra*, a centelha revolucionária é trazida pela vanguarda política organizada, de fora para dentro das lutas espontâneas do proletariado; para a revolucionária judia-polaca-alemã, *a centelha da consciência e da vontade revolucionária se acende no combate, na ação de massas*.

Os eventos revolucionários de 1905, no império russo tsarista, vão amplamente confirmar Rosa Luxemburgo na sua convicção de que o processo de tomada de consciência das massas operárias resulta menos da atividade “esclarecedora” do partido do que da autoeducação pela experiência de ação direta dos trabalhadores:

É o proletariado que vai derrubar o absolutismo na Rússia. Mas o proletariado necessita para isto um alto grau de educação política, de consciência de classe e de organização. Todas estas condições não podem surgir da leitura de panfletos e brochuras, mas somente na escola da luta e na luta política viva, no curso da revolução em marcha [...]. O súbito levantamento geral (*Generalerhebung*) do proletariado em Janeiro, sob a forte impulsão dos acontecimentos de São Petersburgo, foi, em sua ação dirigida ao exterior, um ato político de declaração de guerra revolucionária ao absolutismo. Mas esta primeira ação geral direta da classe teve um impacto ainda maior numa direção interna, despertando pela primeira vez, como por um choque elétrico (*einen elektrischen Schlag*), o sentimento e a consciência de classe em milhões e milhões de indivíduos (LUXEMBURGO, 1928, p. 426-427)¹.

¹ Trata-se de uma coletânea de ensaios de Rosa Luxemburgo sobre a greve de massas, organizada por seu excelente discípulo e biógrafo Paul Frölich, excluído nos anos 20 do Partido Comunista. Consegui este livro num sebo em Tel-Aviv; o exemplar tinha o carimbo do Kibutz Ein Harod, “Seminário de Ideias, Biblioteca Central”. O proprietário do livro era sem dúvida um esquerdista judeu alemão que emigrou para a Palestina em 1933 e entregou sua biblioteca ao kibutz onde se instalou. Com a morte dos velhos militantes do kibutz, e como a nova geração não lê alemão, a biblioteca vendeu ao sebo seu estoque de livros na língua de Marx.

É verdade que a fórmula polêmica sobre “os panfletos e brochuras” parece subestimar a importância da teoria revolucionária no processo; por outro lado, a atividade política de Rosa Luxemburgo, que consistia em grande parte na redação de artigos de jornais e de brochuras – sem falar de suas obras teóricas no campo da economia política – demonstra, sem lugar a dúvidas, o significado decisivo que ela atribuía ao trabalho teórico e à polêmica política no processo de preparação da revolução.

Nesta famosa brochura de 1906, sobre a greve de massas, Rosa Luxemburgo ainda utiliza os argumentos deterministas tradicionais: a revolução ocorrerá “com a necessidade de uma lei da natureza”. Mas sua visão concreta do processo revolucionário coincide com a teoria da revolução de Marx, tal como ele a desenvolve na *Ideologia Alemã* (obra que ela não conhecia, já que só foi publicada depois de sua morte!): a consciência revolucionária não pode se generalizar senão no curso de um movimento “prático”, a transformação “massiva” dos oprimidos só pode se generalizar no curso da própria revolução. A categoria da práxis – que é, para ela como para Marx, a unidade dialética entre o objetivo e o subjetivo, a mediação pela qual a classe em si se torna para si – lhe permite superar o dilema paralisante e metafísico da social-democracia alemã, entre o moralismo abstrato de Bernstein e o economismo mecânico de Kautsky: enquanto que, para o primeiro, a mudança “subjetiva”, moral e espiritual dos “homens” é a condição do advento da justiça social, para o segundo é a evolução econômica objetiva que leva “fatalmente” ao socialismo. Isto permite entender melhor porque Rosa Luxemburgo se opunha não só aos revisionistas neo-kantianos, mas também, a partir de 1905, à estratégia de “atentismo” passivo defendida pelo assim chamado “centro ortodoxo” do partido.

Esta mesma visão dialética da práxis é que lhe permite superar o tradicional dualismo encarnado no Programa de Erfurt do SPD, entre as reformas, ou o “programa mínimo”, e a revolução, ou o “objetivo final”. Pela estratégia da greve de massas que ela propõe em 1906 – contra a burocracia sindical – e em 1910 (contra Kautsky), Rosa Luxemburgo encontra precisamente o caminho capaz de transformar as lutas econômicas ou o combate pelo sufrágio universal em um movimento revolucionário geral.

Contrariamente a Lênin, que distingue a “consciência sindical” (trade-unionista) da “consciência social-democrata”, ela sugere uma distinção entre a consciência teórica latente, característica do movimento

operário no período de dominação do parlamentarismo burguês, e a consciência prática e ativa, que surge no processo revolucionário, quando as próprias massas – e não somente os deputados e dirigentes do partido – aparecem na cena política, cristalizando sua “educação ideológica” diretamente na práxis; é graças a esta consciência prático-ativa que as camadas menos organizadas e mais atrasadas, podem se tornar, em período de luta revolucionária, o elemento mais radical. Desta premissa decorre sua crítica àqueles que baseiam sua estratégia política sobre uma superestimação do papel da organização na luta de classes – que se acompanha geralmente pela subestimação do proletariado não organizado – esquecendo a ação pedagógica da luta revolucionária: “seis meses de revolução farão mais para a educação das massas atualmente não organizadas do que dez anos de reuniões públicas e distribuição de panfletos” (LUXEMBURGO, 1963, p. 455-457).

Então, Rosa Luxemburgo, espontaneísta? Não é bem assim... Nesta brochura sobre greve geral, partido e sindicatos (1906) ela insiste que o papel da “vanguarda consciente” não é de esperar “com fatalismo”, que o movimento popular espontâneo “caia do céu”. Ao contrário, seu papel é precisamente de “preceder (*vorausgehen*) a evolução das coisas e tentar acelerá-la”. Ela reconhece que o partido socialista deve tomar “a direção política” da greve de massas, o que consiste em “dar à batalha sua palavra de ordem, sua tendência, assim como a tática da luta política”; ela chega inclusive a afirmar que a organização socialista é “a vanguarda (*Vorhut*) dirigente de todo o povo trabalhador” e que “a clareza política, a força, unidade do movimento resultam precisamente desta organização” (LUXEMBURGO, 1963, p. 445; p. 457).

É interessante observar que a organização polonesa dirigida por Rosa Luxemburgo e Leo Jogisches, o Partido Social-Democrata do Reino de Polônia e Lituânia (SDKPiL), clandestina e revolucionária, tinha mais semelhanças com o partido bolchevique do que com a social-democracia alemã... Deve-se também levar em conta, ao discutir as concepções organizacionais de Rosa Luxemburgo, suas teses sobre a Internacional como partido mundial centralizado e disciplinado, propostas num documento redigido em 1914, após o colapso da Segunda Internacional. Por uma ironia da história, Karl Liebknecht, numa carta a sua amiga Rosa Luxemburgo, vai criticar esta concepção da nova Internacional como

“demasiado centralista-mecânica”, com “demasiada “disciplina” e demasiado pouca espontaneidade”, considerando as massas “demasiado como instrumentos da ação, não como portadoras de vontade; enquanto que instrumentos da ação querida e decidida pela Internacional, não enquanto querendo e decidindo por elas mesmas (LIEBKNECHT, 1969, p. 113).

Um dos escritos mais importantes de Rosa Luxemburgo é a brochura *A crise da social-democracia*, escrita na prisão em 1915 – publicada na Suíça em janeiro de 1916 – e assinada com o pseudônimo “Junius”. Este documento, graças à palavra de ordem “socialismo ou barbárie” é um marco na história do pensamento marxista. Rosa Luxemburgo compara a vitória do proletariado com “um salto da humanidade do reino animal ao reino da liberdade”, acrescentando: este salto não será possível “se a faísca incendiária (*zündende Funke*) da vontade consciente das massas não surge das circunstâncias materiais que são fruto do desenvolvimento anterior” (LUXEMBURGO, 1988, p. 114-115). Aqui aparece então esta famosa *Iskra*, esta centelha da vontade revolucionária que é capaz de fazer explodir a pólvora seca das condições materiais. Mas o que produz esta *zündende Funke*? É graças à uma “grande cadeia de poderosas lutas” que “o proletariado internacional fará seu aprendizado sob a direção da social-democracia e tentará tomar em suas mãos sua própria história (*seine Geschichte*)” (LUXEMBURGO, 1988, p. 114-115)². Em outras palavras: é graças à pedagogia da luta que se acende a centelha da consciência revolucionária dos oprimidos e explorados.

Nos parágrafos seguintes “Junius” vai desenvolver a ideia da encruzilhada histórica “socialismo ou barbárie”:

Nos encontramos hoje, tal como profetizou Engels há uma geração, frente à terrível opção: ou triunfa o imperialismo e provoca a destruição de toda a cultura e, como na Roma antiga, o despovoamento, a desolação, a degeneração, um imenso cemitério; ou triunfa o socialismo, ou seja,

² A tradução brasileira foi corrigida segundo o original (LUXEMBURGO, 1916, p. 11). Esta cópia da edição original pertenceu a meu professor e diretor de tese Lucien Goldmann, e a recebi recentemente de sua viúva, Annie Goldmann.

a luta consciente do proletariado internacional contra o imperialismo, seus métodos, suas guerras. Tal é o dilema da história universal, sua alternativa de ferro, sua balança oscilando no ponto de equilíbrio, aguardando a decisão do proletariado (LUXEMBURGO, 1988, p. 114-115).

Pode-se discutir o significado do conceito de “barbárie”: trata-se sem dúvidas de uma barbárie moderna, “civilizada” – portanto é pouco útil a comparação com a Roma antiga – e neste caso a afirmação da brochura “Junius” se revela profética: o fascismo alemão, manifestação suprema da barbárie moderna, resultou da derrota do socialismo. Mas o mais importante na fórmula “socialismo ou barbárie” é a palavra “ou”: trata-se do princípio de uma *história aberta, de uma alternativa ainda não decidida* – pelas “leis da história” ou da economia – que depende, em última análise, dos fatores “subjetivos”: a consciência, a decisão, a vontade, a iniciativa, a autoeducação pela ação revolucionária. Não insisto mais porque escrevi já há muitos anos um artigo sobre esta questão: *O significado metodológico da fórmula “socialismo ou barbárie”*³. Voltamos a encontrar a teoria da autoeducação pela práxis no coração da polêmica de 1918, sobre a Revolução Russa – outro texto capital redigido detrás das grades da prisão. O teor deste documento é conhecido: por um lado, o apoio aos bolcheviques, que, com Lênin e Trotsky à cabeça, salvaram a honra do socialismo internacional, ousando a Revolução de Outubro; por outro, um conjunto de críticas, algumas das quais – sobre a questão agrária e a questão nacional – são bem discutíveis, enquanto que outras – o capítulo da democracia – aparecem como proféticas. O que preocupa a revolucionária judia-polaca-alemã é, acima de tudo, a supressão, pelos bolcheviques, das liberdades democráticas – liberdade de imprensa, de associação e de reunião – que são precisamente a garantia da “atividade política das massas operárias”; sem elas “é inconcebível a dominação das grandes massas populares”. Seu argumento é formulado em termos diretamente pedagógicos: trata-se de “educação” e de “escola”. As tarefas gigantescas da transição ao socialismo – “as quais os bolcheviques se apegaram com coragem e resolução” – não podem ser realizadas sem “uma

³ LÖWY, Michael. Método dialético e teoria política. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

intensa educação política das massas e uma acumulação de experiências”, impossíveis sem liberdades democráticas. A construção de uma nova sociedade é uma “terra virgem” que levanta “problemas para milênios”; ora, “só a experiência é capaz de trazer os corretivos necessários e de abrir novos caminhos”. O socialismo é um produto histórico “nascido da própria escola da experiência”: o conjunto das massas populares (*Volksmassen*) deve participar desta experiência, de outro modo “o socialismo é decretado, outorgado, por uma dezena de intelectuais reunidos em torno de um pano verde”. Para os inevitáveis erros do processo “o único sol curativo e purificador é a própria revolução e seu princípio renovador, a vida espiritual, a atividade e a autorresponsabilidade (*Selbstverantwortung*) das massas que surgem com ela, e se formam na mais ampla liberdade política” (LUXEMBURGO, 1988, p. 217-222)⁴. Em outras palavras: sem liberdades democráticas é impossível a práxis revolucionária das massas, a autoeducação popular pela experiência prática, a autoemancipação revolucionária dos oprimidos e o próprio exercício do poder pela classe trabalhadora.

György Lukacs, no seu importante ensaio *Rosa Luxemburgo marxista* (janeiro de 1921), mostra com grande agudeza como, graças à unidade da teoria e da práxis – formulada por Marx em suas *Teses sobre Feuerbach* –, Rosa Luxemburgo havia conseguido superar o dilema da impotência dos movimentos social-democratas, “o dilema do fatalismo das leis puras e da ética das puras intenções”. O que significa esta unidade dialética?

Da mesma forma que o proletariado como classe não pode conquistar e guardar sua consciência de classe, se elevar ao nível de sua tarefa histórica - objetivamente dada – senão no combate e na ação, o partido e o militante individual não podem se apropriar realmente de sua teoria senão ao passar esta unidade em sua práxis (LUKACS, 1960, p. 65).

Na verdade, o capítulo sobre democracia deste folheto de Rosa Luxemburgo é um dos textos mais importantes do marxismo, do comunismo, da teoria crítica e do pensamento revolucionário no século XX. É difícil imaginar uma refundação do socialismo no século XXI que

⁴ Corrigido pelo original alemão (LUXEMBURGO, 1963, p. 73-76).

não tome em conta os argumentos desenvolvidos nestas páginas febris. Os representantes mais inteligentes do leninismo e do trotskismo, como Ernest Mandel, reconheciam que esta crítica de 1918 ao bolchevismo, no que concerne à questão das liberdades democráticas, era em última análise justificada. Obviamente, a democracia a que se refere Rosa Luxemburgo é a exercida pelos trabalhadores num processo revolucionário, e não a “democracia de baixa intensidade” do parlamentarismo burguês, na qual as decisões importantes são tomadas por banqueiros, empresários, militares e tecnocratas.

A *zündende Funke*, a centelha incendiária de Rosa Luxemburgo brilhou uma última vez em dezembro de 1918, na sua conferência diante do congresso de fundação do KPD, Partido Comunista Alemão (Liga Espártaco). As últimas palavras desta memorável conferência são diretamente inspiradas pela perspectiva da autoeducação emancipadora dos oprimidos na grande e decisiva escola da ação revolucionária:

É só exercendo o poder que a massa aprende a exercer o poder. Não há outra maneira de ensinar-lhe. Nós já superamos, felizmente, o tempo em que se pretendia ensinar o socialismo ao proletariado. Este tempo aparentemente ainda não passou para os marxistas da escola de Kautsky. Educar as massas, isto queria dizer: fazer-lhes discursos, difundir panfletos e brochuras. Não, a escola socialista dos proletários não necessita nada disso. Sua educação se faz quando eles passam à ação (*zur Tat greifen*) (LUXEMBURGO, 1953, II, p. 687).

Aqui Rosa Luxemburgo vai se referir a uma famosa fórmula de Goethe, *Am Anfang war die Tat!* (No começo de Tudo não se encontra o Verbo, mas a Ação!). Nas palavras da revolucionária marxista: “No começo era a Ação, tal é aqui nossa divisa; e a ação, é quando os conselhos operários e de soldados se sentem chamados a se tornarem a única força pública do país e aprendem a sê-lo” (LUXEMBURGO, 1953, II, p. 687)⁵. Poucos

⁵ A edição que estou utilizando aqui tem uma história curiosa. Trata-se de uma coletânea de ensaios de Rosa Luxemburgo editada pelo “Marx-Engels-Lenin-Stalin Institut beim ZK der SED”, com um prefácio de Wilhelm Pieck, dirigente estalinista da RDA e introduções de Lenin e Stalin, criticando os “erros” da autora. Comprei este exemplar num sebo, e descobri que trazia uma dedicatória em inglês, datada de 1957, assinada por “Tamara e

dias mais tarde, Rosa Luxemburgo seria assassinada pelos paramilitares – *Freikorps* – mobilizados pelo governo social-democrata contra o levante dos operários espartaquistas de Berlim.

Rosa Luxemburgo não era infalível, cometeu erros como qualquer ser humano e qualquer militante, e suas ideias não constituem um sistema teórico fechado, uma doutrina dogmática para ser aplicada em qualquer lugar e em qualquer época. Mas sem dúvidas seu pensamento é uma caixa de ferramentas preciosa para tentar desmontar a máquina capitalista que nos tritura. Não é por acaso que ela se tornou, nos últimos anos, uma das referências mais importantes do debate, na América Latina em particular, acerca de um *socialismo do século XXI*, capaz de superar os impasses das experiências se reclamando do socialismo no século passado – seja a social-democracia, seja o stalinismo. Sua oposição irreconciliável ao capitalismo e ao imperialismo, sua concepção de um socialismo ao mesmo tempo revolucionário e democrático, baseado na práxis autoemancipadora dos trabalhadores, na autoeducação pela experiência e pela ação das grandes massas populares é de uma impressionante atualidade, sobretudo aqui, no Brasil e na América Latina.

Dizem os jornais que recentemente, noventa anos após sua morte, possivelmente teria sido encontrado seu corpo. Haverá um novo enterro de Rosa Luxemburgo? Por mais que a enterrem uma e outra vez, não vão conseguir se libertar de seu espectro. A centelha incendiária de suas ideias ninguém conseguirá apagar.

Referências

LIEBKNECHT, Karl. A Rosa Luxemburg: remarques à propos de son projet de thèses pour le groupe “Internationale”. *Partisans*, n. 45, jan.1969.

LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária*. São Paulo: Unesp, 1995.

LUKACS, Georg. *Histoire et conscience de classe (1923)*. Paris: Minituit, 1960.

Isaac” – sem dúvidas Tamara e Isaac Deutscher – pedindo desculpas por não ter encontrado outra edição sem todas estas supérfluas “Introduções”.

LUXEMBURGO, Rosa. *Die Krise der Sozialdemokratie*, von Junius. Bern: Unionsdruckerei, 1916.

_____. Massenstreik, Partei und Gewerkschaften. In: _____. *Gewerkschaftskampf und Massenstreik*: Eingeleitet und Bearbeitet von Paul Frölich. Berlin: Vereinigung Internationaler Verlagsanstalten Berlin, 1928.

_____. Rede zum Programm der KPD (Spartakusbund). *Ausgewählten Reden und Schriften*, Band II. Berlin: Dietz Verlag, 1953.

_____. *Die Russische Revolution*. Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt, 1963.

_____. *Brochura Junius em Rosa a vermelha*. São Paulo: Busca Vida, 1988.

_____. A l'ecole du socialisme. In: _____. *Œuvres Complètes*: Tome II. Trad. Lucie Roignant. Paris: Agone, 2012.

Data de registro: 06/03/2014

Data de aceite: 23/04/2014